

Apresentação

“*Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.*” Nestes termos inicia-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelecida em 1948 pela ONU. No entanto, como assinalam alguns dos textos deste quinto número da revista *Trivium, estudos interdisciplinares*, esta declaração que se pretende universal deve ser problematizada, sem que isso implique desconsiderar sua extrema importância no cenário da civilização atual.

Abrindo o segmento *Artigos*, Alain Didier-Weill mostra que para além da dimensão de universalidade, a expressão “o homem”, figura em torno da qual se elaboram os trinta itens da Declaração de 1948; evoca, também, um indeterminado que demanda do filósofo, do homem político, do artista e do psicanalista que se pronunciem sobre o sentido que as palavras “liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” adquirem nos dias de hoje. Em seguida Gláucia Dunley, apresenta as consequências políticas e éticas da filosofia de J. Derrida ao deixar de privilegiar o conceito de homem em favor da noção de *outrem*, sempre desconhecido, o que nos coloca na busca sempre infinita de justiça. As reflexões de Luiz M. Reino e Paulo César Endo a cerca do conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” representam uma contribuição importante à compreensão de que para a psicanálise a universalidade não se constitui unicamente de afirmações conjuntivas. No plano da aplicabilidade dos direitos humanos, o artigo de Junia de Vilhena e Maria Helena Zamora traz um apelo contundente em defesa do tratamento justo e educativo à população de jovens carentes que cumprem medidas socioeducativas no Brasil. Na mesma linha, Sílvia Ramos perscruta as mudanças recentes ocorridas no Rio de Janeiro, com a crise do mercado de drogas e a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora. Encerrando esta sessão, Alessandro S. da Silva, ciente das dificuldades existentes para efetivar os direitos do cidadão brasileiro, trata da questão da diversidade sexual a partir do olhar da ação política de gestores públicos e o da ação política do educador.

Na sessão de artigos livres, Rosa G. Lopes, a partir da lógica lacaniana do não-todo, defende a tese de que o amor em excesso leva à ruptura e à desinserção. Na sequência, Francisco R. De Farias apresenta o percurso suscitado pelo desejo na neurose obsessiva. Por fim, o artigo de Paulo Roberto de A. Pacheco mergulha o leitor no dinamismo da experiência como fator de conhecimento.

“Estratégias brasileirinhas e brasileirinhos saudáveis” apresenta uma pesquisa em andamento cuja estratégia de estar aberto à escuta da indeterminação dos acontecimentos, sustenta o compromisso da equipe de pesquisadores com o crescimento, bem-estar e equidade no acesso à saúde do povo brasileiro.

Na resenha O “fundo obscuro da existência”: no rastro de Samuel Rawet, o destaque do autor à função da literatura após *Auschwitz*, faz ecoar o tema dos direitos humanos. Em “As palavras passarinhas de Lívia Garcia” aprendemos algo sobre o direito à vida inteligente e literária nas redes sociais. Na sessão Artes o leitor encontrará na poesia de João Viana, no ensaio fotográfico de Gabriela Toledo, no ensaio do poeta João José de Melo Franco e no da psicanalista Tania Rivera, muitos elementos para ajudá-lo a refletir livremente, isto é, sem qualquer posição maniqueísta, o tema dos Direitos Humanos.

Betty B Fuks

Editora